

O Tio Sam sozinho no tabuleiro – Crónica de uma cegueira geopolítica à americana

written by Amaro F Correia | 30 de Maio, 2026

OCIDADÃO
Análise e Opinião

OPINIÃO
Amaro F. Correia



Fico espantado com o aproveitamento da IA para lideranças fictícias. Mas fico mais espantado como é que papalvos, americanos, votam Trump. Insulta tudo e todos; tirou todo o apoio à Ucrânia; tenta enfraquecer a Europa; mente descaradamente sobre o Irão; ameaça invadir territórios aliados; cospe em cima de toda a gente e maltrata quem se opõe. Que mais poderá acontecer?

Ou seja, um homem de negócios, esbanja todas as cartas que tinha para negociar. Na verdade, quando já não tens nada, não te preocupas em não ter mais alguma coisa. Um doido varrido.

Não percebe nada, nem percebeu sobre a história dos EUA e o seu ascendente no mundo. Não percebeu a aliança silenciosa de *“nós, compramos o vosso armamento e mantemos a vossa moeda, em troca de uma aliança que torna todos mais fortes”*. Transformou o mundo num Jogo de Monopólio em que tinha bombas para intimidar. Um ignorante!

Vamos ser claros, a guerra do Irão era um objetivo Israelita. Israel tem consciência que nunca conquistará o Irão, mas quer destruir a capacidade do Hezbollah. Todos sabiam que o Hezbollah, não resistia nem respondia quando o Irão foi atacado... O ignorante caiu que nem um patinho. Paga povo americano!

Os cobardes israelitas já deixaram claro que não participam em ataques terrestres e arrumaram o assunto justificando os alvos já destruídos. Netanyahu quer livra-se dos processos judiciais, tem eleições em Outubro e por isso, pressiona os EUA. O patarata do Presidente americano esta sozinho em frente ao Irão, sem margem de saída. A isto chama-se desespero e a EU tem de manter o “bullying” a Trump e aos EUA.

Quanto aos atuais líderes europeus tem os seus serviços de informação e já perceberam o desfecho. Esta cegueira geopolítica norte-americana demonstra como o populismo e a ignorância histórica destroem pontes globais construídas ao longo de décadas. O isolacionismo promovido por lideranças erráticas enfraquece o Ocidente, enquanto potências rivais observam a fragmentação das alianças tradicionais da NATO. A União Europeia enfrenta agora o desafio urgente de garantir a própria autonomia estratégica, financeira e militar. Não é possível depender de parceiros imprevisíveis que tratam a diplomacia global como um mero negócio imobiliário de curto prazo. O futuro da segurança internacional exige firmeza, inteligência e uma liderança europeia unida que resista a chantagens externas e proteja a estabilidade do continente de forma soberana. O colapso da diplomacia tradicional reflete um padrão perigoso de decisões impulsivas baseadas em interesses

puramente individuais e ciclos eleitorais domésticos.

Quando a liderança da maior potência militar abdica do pensamento estratégico em favor do espetáculo mediático, o mundo inteiro fica exposto a conflitos imprevisíveis. Os serviços de inteligência europeus detetam esta vulnerabilidade e tentam mitigar os danos de uma política externa assente em ameaças e falsas premissas. A resposta europeia tem de passar por um reforço de coesão interna e pela rejeição absoluta de narrativas populistas que tentam normalizar o caos nas relações internacionais atuais. A dependência histórica da Europa em relação ao guarda-chuva militar americano revelou-se uma armadilha conceptual a longo prazo. As constantes ameaças de abandono das obrigações da Aliança Atlântica forçam os blocos democráticos a reavaliar as suas vulnerabilidades de segurança de forma imediata. O tabuleiro geopolítico atual não tolera hesitações nem amadorismo político baseado em dinâmicas de redes sociais e retórica inflamada.

Enquanto o Médio Oriente arde em conflitos alimentados por agendas pessoais de líderes locais, as superpotências ocidentais perdem a sua autoridade moral e o controlo estratégico dos acontecimentos globais. Esta ausência de uma visão clara de futuro cria um vazio perigoso, propício à ascensão de regimes autoritários expansionistas que procuram redefinir as fronteiras e as regras do comércio internacional. O isolamento diplomático da atual administração norte-americana deixa o país numa posição de extrema fraqueza face a interlocutores astutos no plano internacional. A ilusão de que o poder económico e o arsenal nuclear são suficientes para ditar as regras do mundo moderno desmorona-se perante a realidade complexa das redes de influência regionais. O policiamento global já não funciona através da coação simples e da intimidação retórica barata.

A Europa, consciente deste cenário de rutura inevitável, acelera os seus mecanismos de defesa e coordenação interna para não ser arrastada num turbilhão de decisões impulsivas e

perigosas. A estabilidade económica do continente depende exclusivamente da capacidade de manter uma postura firme e coesa contra investidas autoritárias, venham de leste ou de parceiros transatlânticos historicamente considerados fiáveis. A erosão das instituições internacionais e dos tratados de não-proliferação é o resultado direto de uma liderança focada no proveito próprio imediato e na sobrevivência política individual. O financiamento de conflitos por procuração e o abandono de aliados históricos minam a credibilidade global que demorou gerações a consolidar.

Perante um eleitorado frequentemente desinformado e manipulado por algoritmos e propaganda digital, o debate político esvaziou-se de conteúdo analítico sério. Os líderes da União Europeia enfrentam o dever histórico de contrariar esta tendência destrutiva, investindo na literacia geopolítica e na segurança partilhada. O desfecho desta crise global determinará se o futuro será governado pelo direito internacional ou pela força bruta de atores imprevisíveis.

